

AO DOMINGO

Estamos a pagar à Turquia para ser um tampão contra os refugiados?



Paulo Rangel
Eurodeputado
do PSD

“ Só a instalação de campos na Grécia e nos Balcãs de acolhimento humanitário, de identificação e de registo podia resolver o problema. Triando, realocando e repatriando com segurança e dignidade. A UE tem capacidade financeira, logística e humana para absorver os refugiados e até para ter uma política de imigração. Terá de acelerar a formação de uma guarda europeia de fronteiras externas, policial e militar, com missão dissuasora e que sustenha o tráfico e os abusos. O atual acordo com a Turquia é apenas o possível e levanta as maiores reservas. É, porém, a única base de que dispomos para enfrentar o drama e o desespero. Apostemos nesta via para ganhar tempo e espaço de negociação, com os olhos postos numa futura solução europeia.☹☹



Elisa Ferreira
Eurodeputada
do PS

“ De facto, o modo como foi gerida esta questão dos refugiados foi mais uma ilustração de desagregação e de incapacidade em que se encontra a União Europeia. Depois da inabilidade na gestão dos mercados financeiros, passou-se à inabilidade na gestão da dívida soberana, para terminar com um dossier ainda mais chocante, porque o tratamento dos refugiados reflete e toca diretamente os princípios mais fundamentais de respeito pela dignidade humana em que assentou o projeto político da União Europeia. Veremos o modo como na prática este acordo deficiente vai ser gerido e esperemos que a Europa seja capaz de rapidamente se reconstruir, reafirmando os seus valores fundamentais perante os seus cidadãos e perante o Mundo.☹☹



Sebastião Fayo de Azevedo
Reitor
da Universidade
do Porto

“ Não creio que estejamos a pagar, mas é verdade que a posição europeia relativamente à Turquia tem sofrido de grandes ambiguidades, tantos são os prós e os contras do aprofundamento da nossa relação com este país charneira entre dois continentes, sob alguns aspetos entre dois mundos. Essa relação deve ser apreciada na perspetiva ampla do puzzle geoestratégico, político e de ordem religiosa, que se coloca à Europa contemporânea. Ora, a História ensina-nos que, talvez pela 'polidispersidade de culturas' que nos caracteriza, temos tido dificuldades em encontrar respostas comuns a grandes problemas e ameaças. O drama dos refugiados simplesmente pôs mais uma vez a nu essa nossa fragilidade. A questão não está em encontrarmos um tampão, mas sim em estarmos à altura dos princípios em que assentam os alicerces da (necessária) construção europeia. Nomeadamente, e para além de procurar identificar e atacar o cerne do problema, os nossos valores solidários têm de falar mais alto.☹☹